

Mario Monteiro



A TROÇA

N.º 1

Desenho symbolico de Celso Herminio

BI-MENSARIO DE CRITICA IRREVERENTE

Novembro de 1906

COIMBRA
Typographia de M. Reis Gomes

Medico Modesto



A TROÇA

Desenho esculpido de Celso Marinho

N.º 1

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS E LETRAS

COMISSÃO
Procedente de São Paulo

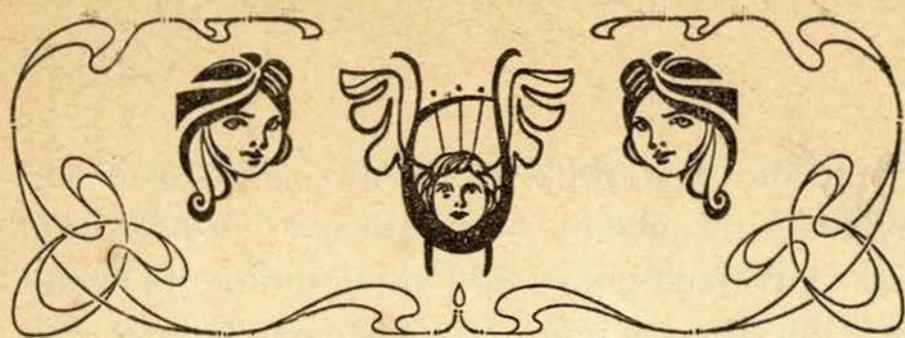
Novembro de 1908

NINGUEM COMPREHENDE A NECESSIDADE
QUE HA D'ESCREVER COMO SE PENSA E
COMO SE FALA, LIMPIDO, CLARO, BRUTAL,
SIMPLES E CERTO, VEHEMENTE OU PLA-
CIDO SEGUNDO O VEIO D'AGUA DO ASSUM-
PTO, PRECIPITADO OU ESPRAIADO, CON-
SOANTE O TEMPERAMENTO EMOTIVO DE
QUEM ESCREVE, E SINCERO SEMPRE, AR-
RANCADO D'ALMA, E EMPREGANDO COMO
SHAKESPEARE DIZ, PARA A PEIOR IDEIA,
A PEIOR PALAVRA.

FIALHO D'ALMEIDA

SUMMARIO:

- I. **A mordaza.** — O caminho mais curto para ser expulso ou reprovado. O auctoritarismo da cathedra, a inutilidade do ensino actual e para que serve a carta de bacharel.
A criação dum curso de Direito fóra de Coimbra e os seus resultados beneficos. A influencia dos *capachos* e das questões domesticas no juizo d'uma licção. A cathedra, a pratica, as gratificações e os feriados...
Os erros dos lentes e a sua eterna defeza. Interpretação da palavra — lente. Como se justificam certas faltas...
A opinião d'um professor estrangeiro.
- II. **Tiros de bayoneta...** — Uma correspondencia d'*O Seculo*. Um curso observa o craneo do assassinado Antonio Mano. Um relatorio d'um professor e uma quadra de outro professor...
- III. **Noticias do theatro.** — *A ceia dos pobres*, de Campos Lima, como deve ser julgada.
Bodas de Lia, de Pedroso Rodrigues.
Aldeia em festa, de Mario Monteiro. O que disseram os *Pavões*...
- IV. **Griminoso impune?** — Os successos da camara e uma declaração importante. A opinião publica e a minha opinião. Como eu ficava satisfeito. Um commissario criminoso (?). O que se devia fazer.
- V. **Engano de agulhas...** — Um réclame d'*O Seculo*. O correspondente. Campos Lima e quem foi Gomes da Silva. A Academia... a mesma. Triplice effeito. Fogos fatuos...
- VI. **Para alguns poetas cá do burgo.** — O busto de Eça de Queiroz. A Verdade e a menina Lola da casa da Antonia. Um quadra significativas com collaboração de *Esculapio*.
- VII. **O Lusitano-arcadia...** — O que foi o *Luzitano* e o que é. Os litteratos que o frequentam. O que elles parecem o que fazem e o que dizem.



I

A mordança

Dizer o que se sente já é crime, mas escrevel-o, lançal-o á publicidade em qualquer artigo de jornal ou de revista, emquanto se é estudante, constitue uma offensa imperdoavel, é incorrer no desagrado dos mestres e preparar caminho para uma expulsão ou para uma reprovação no fim do anno. Eu, porém, que, desde ha muito, tenho por norma dizer abertamente tudo o que sinto sem receios nem hesitações, o que tem acarretado sobre mim os odios e antipathias dos lentes, a justa ou injusta fama de cabula e a critica malevola de meia duzia de imbecis que se delicias alcunhando-me de tolo e de palerma pelo simples facto de não formar *cotteries* para me guindar, como elles, ás culminancias da parvoice, — devo declarar aqui, terminantemente, que, desprezando, a rir, essa ridicula mordança inventada em tempos idos para embotar criterios e dominar pelo terror, não me escuso a aproveitar mais esta occasião para fallar um pouco acerca do auctorita-

rismo da cathedra e da absoluta inutilidade do systema de ensino adoptado em Direito, uma das cinco faculdades da Universidade de Coimbra que dizem, n'um comico encher de bocca, o primeiro estabelecimento scientifico do paiz!

Ainda ha pouco tempo, n'um dos ultimos numeros d'*O Supplemento d'O Seculo*, respondendo ao seu inquerito sobre esta Universidade, eu tive ensejo de dizer, e com justa razão, que era deveras vergonhoso o facto de qualquer bacharel, ao terminar o seu curso e tirada a carta com o auxilio da certidão de registo criminal (!), ter de ir aprender, praticando no escriptorio d'um advogado, a guiar os seus primeiros passos na vida pratica — já que nem ao menos isso lhe ensinaram por entre as theorias revelhas e as contradicções e ninharias com que lhe povoaram o cerebro e que, alem de peccarem por excesso, de nada ou quasi nada valem transpondo a porta-ferrea.

O que eu não disse então, mas vou dizel-o, é que essa constante preocupação que tem o mestre, de fazer salientar o profundo abysmo que vae da bancada á cathedra, é apenas o producto da revoltante apathia em que se conserva o estudante vergado á necessidade de curvar a espinha para obter a sua carta de bacharel e tem por base principal o saber-se perfeitamente que não ha outro curso de Direito em mais nenhuma escola do paiz. Se assim não fosse, se houvesse a descentralisação do senhorio feudal, e fosse creado, por exemplo, em Lisboa, um outro curso juridico, creando, ao mesmo tempo, em Coimbra, em compensação, uma escola de bellas-artes para estudos

de paisagem que em nenhuma outra parte se encontra, como aqui, tão cheia de cambiantes, lançada, assim, por terra a amaldiçoada certeza que os pobres de sympathy, os reprovados e os revoltados n'um momento de criterio, têm de vir occupar novamente, humildemente, o seu logar nas bancadas da Universidade de Coimbra, os mestres haviam de approximar-se dos discipulos, tornando-se queridos, porque ninguem deve ignorar, julgo eu, que toda a consideração de que somos alvo depende quasi em absoluto do respeito e attenções que temos pelos outros . . . E, feito isto, a cathedra deixaria de ser esse baluarte intangivel, inexpugnavel d'um auctoritarismo despotico que sómente consegue revoltar e que poderia ter alguma coisa de bom se fosse occupada por quem resignasse, ao entrar na aula, a qualidade de homem para assumir apenas a de professor consciencioso e recto livre da asquerosa influencia dos ditos e intrigas mesquinhas dos *capachos* ou da má impressão trazida de casa, umas vezes, por lhe terem dado o almoço um pouco mais tarde, porque os petizes fizeram um barulho insupportavel, outras vezes, por causa das zangas com a creada ou com a esposa . . .

Lentes de Direito, na sua maioria, Senhores feudaes cujas insignias só têm um valor olympico até á *gare* da estação do caminho de ferro pois que, d'ahi para lá, ninguem os conhece, nem são capazes de inspirar terror, acostumados a considerar o estudante como escravo acorrontado á necessidade imperiosa de conseguir a carta de bacharel-formado para ser al-

guma coisa n'este mundo, inclusivé capataz da limpeza, Suas Excellencias têm um tal horror a tudo quanto é pratico e portanto util que, havendo, ainda ha poucos dias, um julgamento importante, no tribunal d'esta cidade, não se dignaram aproveitar essa esplendida occasião que se lhes offerencia para orientar o espirito dos alumnos e não hesitaram ⁽¹⁾ (parece incrível!) em falar na perca das suas gratificações quando um curso commetteu a ousadia de lhes ir pedir feriado ou então, como ultimo recurso, licença para sahir da aula depois do bedel ter marcado as faltas!

Eu, porém, desejando fazer justiça, reconheço que Suas Excellencias não têm culpa do que fazem porque tambem foram ensinados pelo mesmo processo e d'ahi a razão porque, uma vez na pratica, comettem erros colossaes, de todo o calibre, como qualquer simples bacharel sem borla nem capello... que, offendido como homem, fóra da porta-ferrea, não tem o despotico recurso de se vingar como lente sujeitando o offensor a ser expulso ou a perder o anno se é estudante...

Mas só elles são Doutores, só elles são Omniscientes, tudo o mais é reles, quando deveriam saber que existe um decreto de D. Maria II que concede tambem aos magistrados o titulo de Doutores e entre esses, ha Ferreira Augusto e Abel Pereira do Valle de quem são copiadas as melhores paginas das lições... o que, afinal, nada quer dizer porque lente vem de ledôr — que *lia*...

(1) A carapuça a quem servir...

Hoje *cópia* . . . é uma pequenina variante talvez producto da nossa evolução . . .

Com tal systema de ensino, francamente, eu, não desculpando que alguns collegas meus não tenham sabido discernir, nas suas criticas, o homem do mestre, não hesito em crêr que deve estar dentro das regras da dignidade de professor o desmentir quaesquer affirmações que, por acaso, tenha feito em plena sala dos capellos, num extraordinario minuto de justiça, e dentro dos limites da lealdade e bôa camaradagem do estudante, o vir declarar publicamente, nos jornaes, depois de formado, que é elle o auctor de certa representação de quintanistas reprovados, que escreveu, exigindo do curso, antes de fazer o seu acto, o maior segredo, sob palavra de honra, para não ficar compromettido! . . . *A bon entendeur* . . .

D'um paiz, como este, cujos actuaes e futuros dirigentes são orientados por esta fórmula, realmente, nada mais se poderá dizer além do que disse o dr. Bfier, professor de physiologia na Universidade de Vienna, que esteve refugiado entre nós para não cumprir a pena de tres mezes de prisão correccional motivada por crime contra os bons costumes, e que foi entregar-se á justiça d'aquella cidade declarando que o fazia porque *Portugal é um paiz impossivel para n'elle viver um homem civilisado!* . . .



II

TIROS DE BAYONETA...

Um dos ultimos numeros d'*O Seculo* trazia a seguinte noticia em correspondencia de Coimbra:

Na aula de medicina medico-legal foi presente o craneo do assassinado Antonio Mano, sendo observado demoradamente por todos os alumnos, tanto juristas como medicos.

O professor leu e explicou competentemente o relatorio da autopsia.

Ah, sim! Nós já sabiamos...

O professor de **medicina-medico-legal** é exactamente o proprio que, ha poucos annos, quando houve em Coimbra a chamada revolta *do grêllo*, apresentou um relatorio dizendo que os mortos tinham sido atacados á bayoneta... o que se provou ser falso pela extracção da bala feita por outro medico, caso este que trouxe como resultado a feitura d'esta quadra, obra do sr. dr. E. Sanches da Gama:

Suicidou-se o *Cabecinhas*

Apóz o erro fatal

Com tres golpes de rewolver

E seis tiros de punhal!!!

III



Noticias do theatro

A ceia dos pobres — *peça, n'um acto, levada á scena, pela primeira vez, no Theatro Principe Real d'esta cidade, na noite de 17 do corrente.*



Eu que tenho antipathisado sempre e antipathiso com o quintanista de Direito, sr. Campos Lima, como homem, que tenho fugido e fujo sempre d'elle, como propangandista de certos ideaes, fazendo inteira justiça, felicito-o como auctor dramatico, pois que a sua peça não se parecendo quasi nada com a *Ceia dos Cardeaes*, de Julio Dantas, apesar de ser um boccadinho monotona, devido á pouca, mas impossivel movimentação de scena, encerra trechos intensamente dramaticos, cheios de vigor e colorido tecidos com versos bem feitos, cadenciados e lindos.



Bodas de Lia — *peça, n'um acto, levada á scena, pela primeira vez, no Theatro D. Maria, na noite de 17 do corrente.*



E' um *bibelot* apadrinhado, inoffensivo e sem musica, do sr. Pedroso Rodrigues, cheio de versos errados.

Houve falhas na interpretação, segundo dizem as

Novidades, por não terem os actores estudado convenientemente os seus papeis, apezar do original estar, ha seguramente dois ou tres annos, no archivo d'esse theatro...

Comtudo, cumpre-me enviar as minhas sinceras felicitações ao poeta por ver que em Portugal, embora seja raro, ainda se concedem alguns direitos de antiguidade...



Aldeia em festa — *peça, n'um acto, levada á scena, pela primeira vez, no Theatro Principe Real, d'esta cidade, na noite de 24 do corrente.*



Acerca d'esta peça leia-se o n.º 2 dos *Pavões*... e o u'timo numero d'*O Conimbricense*, que é o jornal melhor informado cá da terra...

Não disse nada mas é a mesma coisa...



IV

Criminoso impune?

No mesmo dia e muito poucas horas depois de os jornaes da manhã terem annuciado o grande charivari, especie de opera tintimarrica, funambulesca levada á scena na camara-cortelho dos impares e de se ter sabido pel' *O Primeiro de Janeiro*, que o sr. conselheiro João Arroyo tinha arranjado para o dictionario da politica um novo e bonito adverbio collocando-se *incondicionalmente* ao lado do sr. Antonio José d'Almeida a quem abraçou em seguida aos memoraveis successos minuciosamente relatados pela imprensa periodica, banzé phenomenal este que representa o testemunho cabal da incoherencia de certos estadistas que pretendem abafar, tarde e ás más horas, as justas discussões sobre assumptos que elles proprios encetaram, — Coimbra, essa velha terra entre risonha e austera, foi abalada subitamente pelo terrivel d'uma revelação sensacional que, embora esperada ha muito, não se fazia annunciar para breve. Foi o caso d'um dos criminosos julgados em 17 do corrente, no tribunal d'esta ci-

dade, vir declarar a fôrma porque se deu o celebre crime do Mano e quaes os nomes dos cúmplices implicados n'essa tragedia selvagem talvez impropria d'um paiz de cafres quanto mais d'uma terra que tem orgulho em dizer-se completamente civilisada.

A opinião publica, ainda mal contente com o julgamento de dois criminosos, desconfiando de outros dois que se encontravam em plena liberdade, satisfez-se agora, dando um suspiro de allivio ao ver sequestradas do seu seio essas duas feras que alguém chegou a tomar por innocentes... eu, porém, devo declarar que não me satisfiz nem me satisfarei emquanto as auctoridades, prestando um pouco de attenção a certas palavras que por vezes parecem loucas por sahirem d'entre a massa anonyma do povo, não chamarem ao imprescindivel apuramento de responsabilidades o ex-commissario da policia, sr. major Sousa Araujo, que, não cumprindo o seu dever nem como commissario nem como official do exercito, maltratando as testemunhas que iam depôr em auxilio da justiça para o esclarecimento da verdade, afugentava outras que porventura houvesse para conseguir lançar ao esquecimento esse ruidoso processo e satisfazer, assim, os altos e injustificaveis empenhos, origem talvez do seu bom logar em Africa...

Quem contemporisa com um criminoso é tão criminoso como elle e Sua Excellencia, sabendo quem eram os verdadeiros culpados, como se diz á bocca cheia, e tendo até destruido algumas provas do crime, como declarou uma testemunha em pleno tribunal, deverá

sentar-se no banco dos reus, ao lado dos seus cúmplices, porque tal assento, quer-me parecer, não se fez para outra coisa . . .

Ou isto é justo ou a justiça, n'este paiz, não deixa de ser, ao menos uma vez, uma palavra vã! . . .

O povo que pense e as auctoridades que procedam . . .



Engano de agulhas...

Por um lamentavel engano de agulhas no caminho de ferro da celebridade, a encimar o nome do sr. Campos Lima, auctor d'*A ceia dos pobres*, appareceu, ha muito poucos dias, n'*O Seculo*, a photogravura d'um tal sr. Gomes da Silva que, para ahi, se formou, que fez successo, que encheu uma epocha com o esplendor do seu talento e que, hoje, ninguem sabe onde é seu paradeiro, onde se digna assassinar lentamente aquellas qualidades intellectuaes que lhe pertenceram quando quasi toda uma geração de palermas, de *snobs*, de bandalhos, de typos sem criterio, imbecilmente pretendeu collocar-o nos carrapitos da lua, admitindo o seu genio como um dogma, lançando o seu nome ás gazetas precedido de adjectivos pomposos, ou, de chofre, á cara dos transeuntes indifferentes.

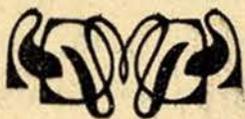
Mas isso passou, novos genios surgiram, novos parasitas os rodearam e eis porque eu, procurando analysar em tudo, as causas e os effeitos, sou levado a affirmar, em abono da verdade, que reconheci nessa pequenina noti-

cia um triplice e magestoso effeito:

1.º fazer réclame á peça *A ceia dos pobres*;
2.º patentear mais uma vez aos olhos do publico a conhecida inexactidão e a eterna menos-verdade do correspondente d'*O Seculo* em Coimbra;

3.º trazer á luz da ribalta, embora por momentos fugitivos, um vulto *consagrado* ... ao olvido, um dos *genios* que então, taes como os de hoje, não passavam de fogos fatuos ...

A quelque chose malheur est bon ...



VI

Para alguns poetas cá do burgo

Contaram-me ha dias que, por ocasião da inauguração amigavel e aristocrata do busto de Eça de Queiroz, n'um dos largos de Lisboa, tendo por baixo a Verdade semi-nua, de braços abertos... certa pessoa que andava em companhia de Eduardo Fernandes, o popular *Esculapio* das gazetilhas alegres, achando muitas semelhanças entre essa mulher de pedra e certa recatada donzella, a Lola, da conhecida casa da Antonia, lembrou-se de escrever estes versos bastante significativos que eu, da melhor vontade, offerto a alguns poetas que eu conheço...

EÇA

Aqui mi tienes, oh Eça
Grande escriptor da parvonia,
Soy una niña perdida
Vénida de casa da Antonia...

VERDADE

Ai Lola, querida Lola,
Com que fartar-te não acho
Eu sou apenas um busto
Falta-me a parte de baixo...

(Julio Brandel)

E *Esculapio* accrescentou:

VERDADE

Pois tu, auctor do *Basilio*,
Escriptor de tanto sizo,
Não sabes que havendo lingua
O resto não é preciso?!...



VII

“O Lusitano,, arcadia . . .

Antigamente *O Lusitano* era um café tranquillo onde a burguezia pacata, cheia de calos e de rheumatismo ia, *après diner*, quasi ao fechar da noite, dar dois dedos de palestra ouvindo por vezes o verbo eloquente d'essas gerações academicas transactas cheias de vigor e de criterio mas, certa noite, como um vento mau que vem não se sabe de onde, n'um incomprehensivel e subito desejo, meia duzia de *pavões*, constituindo grupo, como açoitados pelo pau do guardador, n'uma revoada imbecil a denotar não sei quê de pseudo-intellectualidade, veio abancar a um dos seus cantos e *O Lusitano*, desde então, n'um interessante *bric-à-brac*, n'uma promiscuidade deveras original, dá-me a impressão d'uma academia litteraria arte nova, duma arcadia conimbricense de parvoice illimitada onde entrar com uma capa e batina a encobrir as mazelas do corpo e da alma, com algumas ridiculas pretensões a genio, envolve implicitamente a ideia de passar á posteridade, de fazer jus a qualquer monumento futuro . . .

É, sabendo isto, que eu, soffrego de celebridade, entrando e abancando como elles, como todo o bom litterato que se presa, por entre a conversa intima com qualquer empregado publico, com alguem que vive do producto do seu trabalho honesto, não me furto ao ensejo de observar, n'um olhar de relance, o grupo d'esses auto-endeusados e rio mas rio francamente, sem entraves, pois que, por mais esforços que faça, é me impossivel soffrear a hilaridade intensa que me assalta perante o burlesco d'esse agrupamento pifio de typos de opereta que digerem uma litteratura insipida e reles e que, a proposito da mais pequenina coisa, desandam vertiginosamente n'um mar sem fim de lantejoilas de rethorica sublinhadas com um riso que julgam impressivo, cheio de humorismo critico, penetrante e fino, com varias considerações que reputam rajadas de talento, conceitos sublimes proprios de espiritos scintilantes mas que não passam d'uma linguagem sáfara, arrebicada, contorcida, feita a martello, producto rachitico de meia duzia de genios de fancaria a que outra meia duzia de parvos presta homenagem escutando-a religiosamente, boquiaberta, *sous le charme*, n'um extase comicamente ridiculo, tal como as feras deveriam ter escutado Orpheu quando elle se entretinha a despertar os bosques com os sons maviosos da sua cythara . . .

Eximios na arte de andar de muletas, como diria Eça de Queiroz, acostumados a não conservar a verticalidade da espinha perante os maioraes que lhes podem dar a mão ou a honra da sua companhia não perdem nenhuma das

ocasiões em que lhes podem lamber as botas conversando, por exemplo, com o poeta dos *Oaristos*, essa estufa artistica cheia de plantas exoticas que lhes lança generosamente a benção com ares pontificaes e lhes dá alento para caminhar ávante . . .

A todos esses, porém, julgo poder accrescentar uma certa mão cheia de poetas e prosadores de mão cheia que apparecem por lá, algumas vezes, ultima novidade, chegados agora da parvonia com ares de gente e fóros de sabios, que falam em psychologia, esthetica e outras coisas mais, discutindo e definindo arte como se a arte poudesse ser definida por patetas quando o não tem sido por homens de talento privilegiado como Zola, Balzac e tantos outros . . .

O proprio Taine, o grande critico francez, apenas conseguiu dizer que a arte — *C'est une chymère!* — e Voltaire, respondendo a um graejo de mademoiselle Dumesnil, interprete da sua *Mélope* disse que para ser artista é necessario *ter o diabo no corpo*, ora os illustres recém-chegados, com lunetas ou sem ellas, a que me quero referir e que costumam poisar tambem pela porta da livraria Moura Marques rival da cathedratica livraria França Amado, não passam, por emquanto, d'uns pobres diabos, *sem diabo no corpo*, muito inexperientes ainda e cheios de palavrões que os mestres lhes impingiram proclamando a necessidade d'um conjuncto de rimas bizarras, excepçionaes escrevendo livros *para os raros* esquecendo-se de que foram justamente essas obras as que menos fama lhes grangearam pois que o maior erro d'um artista

é julgar-se n'uma esphera muito superior para poder ser comprehendido pelos profanos, como dizia Musset, e fingindo ignorar ou ignorando que o nosso divino poeta, o egregio dramaturgo do *Frei Luiz de Sousa* disse muita vez e em muita parte que não hesitaria em trocar a sua *D. Branca* pela paternidade d'esta quadra popular:

*Costumei tanto os meus olhos
A fitarem-se nos teus
Que, de tanto confundit-os,
Já não sei quaes são os meus! . . .*

Ora estes versos, artisticamente feitos, penso eu, não encerram nem bizzarria nem excepcionalidade de rimas nem são *para os raros* . . . mas para toda a gente o que representa, a meu ver, a verdadeira arte.

No entanto, se alguém lhes pedir a justificação sensata e calma d'essas palavras bombasticas com que enchem a bocca, a todo o passo, cheios de nevrose, simulando um ar de neurasthenia que dá vontade de rir . . . desfiarão, á tôa, um sem-numero de baboseiras ou desapparecerão, á *formiga*, dando-me a desgraçada impressão d'uma matilha de rafeiros nogentos, esfomeados, cobertos de chagas, que pretende armar em grandeza e dar o aspecto das antigas e luzidas cavalgadas.

Por isso, ao entrar n'*O Lusitano*, ao vêr, lá no canto, essas cabeças sem recheio, espiritos de verrina, simulando agudez de espirito, fortes sómente em litteratura de cordel e em termos exquisitos, retumbantes como tiros de

peça, eu não consigo resistir á tentação de explodir, francamente, em gargalhadas sarcásticas, brutaes, prevendo a hypothese de, se alguém lhes perguntasse o que são, e elles fossem leaes e justos, ouvir apenas como resposta, aquella celebre palavra do romeiro: — NINGUEM!...



Prevenção

Todo o exemplar aberto considera-se vendido.



SUMMARIO:

- I. **A mordaza.** — O caminho mais curto para ser expulso ou reprovado. O auctoritarismo da cathedra, a inutilidade do ensino actual e para que serve a carta de bacharel.
A criação dum curso de Direito fóra de Coimbra e os seus resultados beneficos. A influencia dos *capachos* e das questões domesticas no júizo d'uma licção. A cathedra, a pratica, as gratificações e os feriados...
Os erros dos lentes e a sua eterna defeza. Interpretação da palavra — lente. Como se justificam certas faltas...
A opinião d'um professor estrangeiro.
- II. **Tiros de bayoneta...** — Uma correspondencia d'*O Seculo*. Um curso observa o craneo do assassinado Antonio Mano. Um relatorio d'um professor e uma quadra de outro professor...
- III. **Noticias do theatro.** — *A ceia dos pobres*, de Campos Lima, como deve ser julgada.
Bodas de Lia, de Pedroso Rodrigues.
Aldeia em festa, de Mario Monteiro. O que disseram os *Pavões*...
- IV. **Griminoso impune?** — Os successos da camara e uma declaração importante. A opinião publica e a minha opinião. Como eu ficava satisfeito. Um commissario criminoso (?). O que se devia fazer.
- V. **Engano de agulhas...** — Um réclame d'*O Seculo*. O córrespondente. Campos Lima e quem foi Gomes da Silva. A Academia... a mesma. Triplice effeito. Fogos fatuos...
- VI. **Para alguns poetas cá do burgo.** — O busto de Eça de Queiroz. A Verdade e a menina Lola da casa da Antonia. Umas quadras significativas com collaboração de *Esculapio*.
- VII. **O Lusitano-arcadia...** — O que foi o *Luzitano* e o que é. Os litteratos que o frequentam. O que elles parecem o que fazem e o que dizem.